

RECENSÃO

REIMER, Haroldo. *Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico*. Oikos: São Leopoldo; UCG: Goiânia, 2009, 136 p.

As perguntas sobre a origem do monoteísmo sempre foram uma das tônicas da pesquisa bíblica bem como da arqueologia, possuindo em si opiniões divergentes e ao mesmo tempo comuns. Contudo, é inegável que o monoteísmo, como o temos hoje, é fruto de uma construção histórica que incorpora em si as mais diversas contribuições dos povos antigos, especialmente do atual Oriente Médio.

Inefável e sem forma, de Haroldo Reimer, é composto por vários estudos publicados em periódicos distintos que se caracterizam por serem recortes de uma temática mais ampla do monoteísmo entre os antigos hebreus. Reimer nasceu em Santa Catarina, em 1959, como descendente da quarta geração de imigrantes alemães. É de tradição luterana, tendo estudado Teologia (1980-1984) em São Leopoldo (RS). Fez seus estudos de doutorado na Alemanha (1986-1990), com experiência em arqueologia em Israel (1987). De volta ao Brasil, por dez anos, atuou como pastor da Comunidade Luterana do Rio de Janeiro e professor universitário (1991-2000). Atualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, é autor de vários artigos e livros. É casado e possui dois filhos.

Segundo o autor, o livro não pretende ser uma “Teologia do Antigo Testamento”, mas busca apresentar elementos da história da religião dos hebreus, utilizando-se para isso de uma leitura histórico-crítica da Bíblia Hebraica ou Antigo Testamento, dando enfoque à perspectiva fenomenológica e histórica. Os textos são entendidos como representações das intencionalidades construídos a partir da visão de autores e transmissores. Desse modo, fica claro ao leitor que a constituição do monoteísmo ocidental não é “bem como nos é contado”, haja vista que as tradições são sempre um processo de interpretação que buscam validar um determinado pensamento ou ideologia. Ao tratar sobre o monoteísmo hebraico, diz-se normalmente que esta era uma prática religiosa comum entre os antigos hebreus, desse modo, se estaria apontando para um cenário histórico e social e para os sujeitos desse contexto.

O monoteísmo hebraico se caracterizava pela adoração a um deus determinado, no caso o culto exclusivo ao Deus de Israel, e passou a ser a marca distintiva desse povo; provavelmente no decorrer da história estes eram originariamente politeístas, passaram pela monolatria, até chegar numa síntese que dá o caráter peculiar do judaísmo enquanto religião. Cabe salientar que a obra de Haroldo não quer em nenhum momento validar que os hebreus foram, por assim dizer,

os “criadores do monoteísmo”, pelo contrário, o culto a um deus específico foi conhecido no Egito, o caso mais conhecido é o de Aton, cujo culto foi promovido pelo faraó Amenófis, por volta do século XIV aC.

A obra *Inefável e sem forma* é composta de cinco estudos. No primeiro, *Da diversidade à singularidade*, busca fazer uma introdução ao monoteísmo, indicando traços fortes da pesquisa. A tônica deste capítulo se encontra na ideia de um *politeísmo original*, compartilhado com os povos vizinhos de Israel e que de forma gradativa vai se desenvolvendo rumo ao monoteísmo hebraico. Apresenta ainda as fases do desenvolvimento deste monoteísmo, sendo a primeira o *sincretismo pacífico entre El e Yhwh*, nos primórdios de Israel. Frente à diversidade de grupos étnicos, trabalha-se com a harmonização das diversas divindades existentes. Assim, a adoração a elas não parece ter constituído nenhum problema teológico, nos tempos iniciais da monarquia israelita. A segunda, *Conflitos com Baal*, no século IX aC, desenvolveu uma série de conflitos em relação a Baal devido a um “sincretismo oficial” em que Yhwh começa a tomar espaço no culto em detrimento a Baal. Na terceira fase, *Ênfase maior na adoração exclusiva a Yhwh*, centra-se nas ideias monolátricas e monoteístas no antigo Israel, associada ao problema dos dízimos que são destinados a Baal e não Yhwh. Desse modo, a centralização do culto bem como a exclusividade a Yhwh, assume razões estratégicas de Estado. A quarta fase, *Reforma de Josias e o monoteísmo nacionalista*, aponta para duas questões importantes, a existência de lideranças e divindades femininas, especialmente Asherah como consorte a Yhwh e os limites da reforma de Josias, já que esta não chegou às camadas mais populares em Judá e nas regiões periféricas. A quinta fase: *Monoteísmo absoluto e clássico* caracteriza-se pelo domínio de Yhwh como único Deus, o sacerdócio masculino, a supressão de referências a outras divindades, sobretudo femininas e o processo de diabolização de expressões religiosas que não fossem da linha oficial.

O segundo estudo, *Monoteísmo e identidade*, procura evidenciar a construção histórica do monoteísmo que passa por um momento conflitivo até se tornar a marca original do povo judeu. Nesse estudo, torna-se evidente que o monoteísmo hebraico é a consolidação de uma ideia teológica transformada em estatuto doutrinário, sobretudo a partir da oficialização de Yhwh como único Deus de Israel, bem como da influência sacerdotal e dos santuários oficiais que vão estabelecendo, especialmente em Jerusalém. O presente estudo salienta ainda a questão das polêmicas entre a doutrina oficial e as práticas populares de adoração, pressupondo um intercâmbio entre Israel e os povos vizinhos.

O terceiro estudo, cujo título dá o nome do livro, trata de entender o segundo mandamento bíblico que postula o não feitio de quaisquer representações icônicas de Deus. O aniconismo hebraico juntamente com o não pronunciamento do nome divino, presente em Êxodo 20,1-17, diverge da apresentação em Deuteronômio 5,1-21. Dessa forma, tal concepção ganha força no período monárquico e de modo mais intenso na época do exílio e pós-exílio. Isso marca uma tendência oficial ligada ao sacerdócio e ao Templo. No entanto, tal tendência esbarrou

em sérios problemas, pois, segundo a arqueologia, os fiéis na religião hebraica faziam uso de imagens para representação de Deus, estas eram mais difundidas do que se pode supor. Em relação ao aniconismo e as imagens para falar de Deus, Yhwh é sempre descrito com comportamentos típicos de um homem-marido que tem profundo amor por Israel, e tem profundo ciúme pelo mesmo, acentuando caráter de grandeza feminina. Isso fica evidente especialmente nos textos dos profetas Oseias, Jeremias e Ezequiel. Deus está acima de quaisquer conceituações, seja ela linguística ou iconográfica, essa é a grande mística do pensamento hebraico.

O quarto estudo, *A corporeidade de Deus*, tenta reconstruir os traços antropomórficos de Deus no imaginário judaico. O ponto de partida é o segundo mandamento, a proibição de imagens seria o ponto fulcral de distinção da religião hebraica em relação aos demais povos. Segundo Reimer, os textos proféticos de Ezequiel, Oseias e Jeremias são construtores eficazes da imagem de Yhwh como “masculino e patriarcal”. Contudo, salienta a existência de textos proféticos em que Yhwh é caracterizado com funções de mulher ou imagens femininas.

No quinto, e último estudo, *A serpente e o monoteísmo*, relativo ao texto de Gênesis 3, Haroldo faz uma espécie de exegese, chegando à hipótese de que o mesmo constitui “uma produção literária tardia dentro da história da literatura bíblica”, podendo sua gênese ser alocada do século V aC, ou seja, no período pós-exílico, momento em que “a síntese do credo monoteísta é tomada com critério para o colecionamento dos textos que vieram compor o cânon sagrado dos hebreus”, a TANAK (Torá, Profetas e Escritos).

A obra de Haroldo Reimer pode ser considerada uma obra-prima para o estudo da formação do monoteísmo hebraico. Apesar de possuir poucas páginas a densidade literária é de alto nível, demonstrando domínio de conteúdo e excelente escrita por parte do autor. A organização em forma de estudos possibilita ao leitor, se necessário, uma análise mais focalizada de determinado assunto específico dentro da grande temática. *Inefável e sem forma*, caracteriza-se por uma linguagem acessível àquele que já possui alguma iniciação teológica, ou mesmo em relação ao estudo da História do povo de Israel ou à arqueologia bíblica.

O Deus dos hebreus é caracterizado pela inefabilidade e ausência de forma. O inefável é algo que não podemos atingir por nossas próprias forças, pois está acima da capacidade humana, ou seja, transcende a compreensão conceitual do mesmo e expressa sua grandeza tremenda e admirável. O Deus do temor, da fascinação e do maravilhamento é ao mesmo tempo humano, homem com características femininas. É maior do que qualquer coisa que se possa imaginar, porém é capaz de ser representado através da linguagem. Inefável e falível, anicônico e icônico, nesse viés se constitui a história do monoteísmo hebraico e do judaísmo como o entendemos hoje. Cabe lembrar que o cristianismo, enquanto religião, deve muito aos “nossos irmãos mais velhos na fé”, pois destes herdamos muitas características que nos fazem únicos e com uma identidade própria.

A obra de Reimer nos convida a uma viagem no tempo, entendendo nossas raízes, de uma forma crítica colocando-se a distância, fazendo verdadeira *epoché*, suspendendo nossos preconceitos de forma a encontrar respostas sobre nossa imagem de Deus. Desse modo, mais do que dar respostas prontas ou encerrar em si a discussão, o presente livro busca interpelar o leitor a questionar-se sobre a identidade de Deus para que o ser humano possa construir a sua própria identidade.

Edegar Fronza Junior
Acadêmico do 1º ano de teologia na
Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC
Rua Colômbia, 450
8817-225 Procasa – São José, SC
E-mail: edegarfronza@gmail.com